

Lição 16: Como buscar a definição de uma coisa examinando coisas semelhantes e dessemelhantes a ela

“b7. Para retomar nossa exposição— b15. Posso ilustrar— b26. Além disso, toda definição— b28. É também mais fácil— b31. De fato, a clareza é— b38. Podemos acrescentar que se

Após ensinar como investigar o *quod quid* segundo o método mais adequado, que é pela divisão do gênero, o Filósofo agora ensina outro método. Sobre este, ele faz três coisas. Primeiro, descreve o método. Segundo, dá exemplos (97b15). Terceiro, prova que este método é satisfatório (97b26).

Diz, portanto, primeiro (97b7) que se alguém busca a definição de alguma coisa, deve examinar tanto as coisas que lhe são semelhantes quanto as que lhe são diferentes. Mostra como isso deve ser feito quando afirma que, nas coisas que são semelhantes, deve-se considerar algum item que seja o mesmo em todas; por exemplo, o que se encontra de comum em todos os homens é que todos coincidem em ser racionais. Depois disso, deve-se investigar as coisas que concordam com as primeiras quanto ao gênero e são especificamente as mesmas entre si, embora especificamente diferentes das primeiras tomadas, como os cavalos em relação aos homens. É necessário também investigar o que é o mesmo nessas coisas, ou seja, nesses cavalos; digamos, o relinchar.

Em seguida, tendo tomado o que é o mesmo em todos os primeiros, isto é, os homens, a saber, o racional, e o que é o mesmo nos outros, ou seja, os cavalos, a saber, o relinchar, o próximo passo será considerar se há algo de comum entre esses dois, isto é, entre o racional e o relinchar. E este método de investigação deve ser continuado até que se encontre uma formalidade comum. Pois esta será a definição da coisa. No entanto, se tal investigação não descobrir uma formalidade comum, mas levar a duas ou mesmo várias formalidades diversas, será óbvio que a coisa cuja definição se busca não será uma coisa segundo a essência, mas várias. Consequentemente, não

terá uma definição única.

Em seguida (97b15), ele elucida o que disse com um exemplo, afirmando que, se quiséssemos investigar o que é a magnanimidade, deveríamos primeiro considerar certas pessoas magnânimas, a fim de aprender qual é o item único que possuem enquanto são magnânimas. Assim, dizia-se que Alcibíades era magnânimo, e também Aquiles e Ajax; todos eles têm um item em comum — não tolerar insultos. O sinal disso é que Alcibíades lutou em vez de aceitar insultos; Aquiles enlouqueceu de raiva; Ajax cometeu suicídio. Depois, deveríamos considerar isso em outros que são ditos magnânimos, digamos, em Lisandro e Sócrates. Pois eles têm em comum o fato de não se abalarem com a boa ou má fortuna, mas serem indiferentes a ambas.

Portanto, tomemos esses dois itens, a saber, a equanimidade diante das vicissitudes da vida e a intolerância a insultos, e vejamos se há algo comum entre eles. Pois nisso consiste a noção de magnanimidade. Por exemplo, poderíamos dizer que essas duas coisas se devem ao fato de uma pessoa considerar-se digna de grandes coisas. Pois é dessa atitude que um homem não tolera insultos e é também dessa atitude que ele despreza as flutuações que afetam os bens externos como sendo ninharias. Mas se nada de comum for encontrado nos dois itens tomados, a espécie de magnanimidade não seria uma, mas duas. Logo, não se poderia dar uma definição comum.

Em seguida (97b26), ele mostra que o método acima é bem adaptado para encontrar o *quod quid*. Sobre isso, faz duas coisas. Primeiro, mostra que o método é adequado. Segundo, mostra o que deve ser evitado nesse método (97b38). Sobre o primeiro, faz duas coisas. Primeiro, mostra que o método acima é adequado quanto ao seu resultado, isto é, quanto a chegar a algo comum. Segundo, quanto ao seu procedimento, ou seja, na medida em que começa com casos particulares (97b28).

Diz, portanto, primeiro (97b26) que foi dito com razão que quem investiga o *quod quid* deve chegar a algo comum, porque toda definição de algo é dada na medida em que essa coisa é considerada em sua universalidade, e não como é considerada neste ou naquele indivíduo. Pois um médico não define a saúde como ela existe neste olho deste homem, mas ou como ela é universal e absolutamente em relação a todos os homens, ou distingue a saúde segundo várias espécies; por exemplo, quando diz que isto é saúde para os coléricos, ou para os biliosos.

Seguidamente (97b28), ele mostra que este método é satisfatório quanto ao procedimento, na medida em que parte do menos comum para o mais comum. E isto de duas maneiras: primeiro, pela razão da facilidade. Pois uma disciplina começa pelas coisas mais fáceis. Mas é mais fácil definir algo singular, isto é, algo menos comum, do que algo universal, que é mais comum; na medida em que equívocos são menos prováveis de serem detectados nos universais, porque são menos determinados, do que nas coisas que são indiferenciadas, isto é, nas coisas que não são divididas por diferenças específicas. Portanto, deve-se definir ascendendo dos singulares aos universais.

Em segundo lugar (97b31), ele mostra a mesma coisa pela razão da evidência. Pois, assim como nas demonstrações se deve silogizar pressupondo algo evidente e óbvio, assim também nos termos, isto é, nas definições. Pois ninguém pode chegar ao conhecimento de algo desconhecido exceto por meio de algo conhecido, quer pretenda conhecer *quia* est, que é conhecido através da

demonstração, quer *quid* est, que se faz pela definição.

Mas isso ocorre, isto é, algo evidente preexiste, se é definido ou acontece de ser definido separadamente, isto é, distintamente, por meio de itens que são predicados singularmente, isto é, que pertencem a esta ou àquela coisa própria e distintivamente. Assim, se alguém deseja saber o que é semelhante, não examinará cada coisa singular que pode ser chamada de semelhante, mas apenas algumas coisas semelhantes; por exemplo, como as coisas são semelhantes em cor, e como algo é considerado semelhante em figura. Pois é pela unidade da cor que as coisas são ditas semelhantes em cor; mas no reino da figura, duas coisas são semelhantes porque os ângulos correspondentes são iguais e os lados proporcionais. Da mesma forma em outras coisas: se alguém deseja definir agudo, não examinará tudo que pode ser chamado de agudo, mas considerará agudo aplicado a um som.

Portanto, fica claro que quem segue este método ao definir está evitando automaticamente a possibilidade de equívoco. Consequentemente, fica claro que este é um método prático de definir, isto é, o método de passar do menos comum para o mais comum, na medida em que é mais fácil nas coisas especiais definir o que é especial, e a univocidade pode ser mais facilmente reconhecida em tais coisas.

Em seguida (97b38), ele exclui um certo método de procedimento nas definições, dizendo que, assim como não se pode disputar por metáforas, também não se pode definir por metáforas; por exemplo, afirmando que o homem é uma árvore invertida. Além disso, nas definições não se pode usar nada dito metaforicamente. Pois, uma vez que as definições são os meios mais importantes e mais eficazes nas disputas, seguir-se-ia, se as definições fossem enunciadas em termos metafóricos, que seria necessário disputar por metáforas. Mas isso não é válido, porque uma metáfora é interpretada de acordo com algo que é semelhante; enquanto não se segue que, se algo é semelhante em um aspecto, seja semelhante em todos os aspectos.

Revision #2

Created 20 September 2026 17:52:48 by Admin

Updated 20 September 2026 23:14:06 by Admin